



“Brincar tem um valor estruturante porque é o momento no qual a criança pode imaginar o impossível”

Entrevista com Esteban Levin*

Por **Ana Abramowski** e **Cecilia Elizondo**

Para iniciar a entrevista, gostaríamos de saber o que faz um psicomotricista, ou seja, qual é o campo de intervenção da psicomotricidade?

No campo da psicomotricidade é fundamental o tema do corpo e o movimento na infância. O bebê desde que nasce é muito corporal, toda a experiência que vive é através do seu corpo, mas o que temos percebido é que só com o corpo não é suficiente, dando lugar ao ‘campo do outro’. Esta noção provem da psicanálise, mas nós, na perspectiva da psicomotricidade, articulamos com o movimento e o desenvolvimento psicomotor. Além disso, há outro ponto central: uma criança não coincide com seu organismo, estou falando da não coincidência entre o corpo como órgão e o sujeito. Se coincidisse totalmente não existiria a psicomotricidade e a criança seria como um robô, pré-determinada. No entanto, como a criança não coincide com o corpo não tem outra alternativa a não ser se vincular. Aí aparece o psicomotor, porque entra em jogo uma relação do corpo com a *psico*.

Neste sentido, um dos grandes descobrimentos da psicomotricidade é que a criança tem que criar uma experiência. Se assumimos que existe uma herança genética e uma herança simbólica, onde elas se cruzam para formar algo próprio? Cria-se algo próprio através da experiência. A este ‘cruzamento’, não chegou somente a psicomotricidade e a psicanálise, ou aqueles que trabalhamos no campo da primeira infância, mas também a neurologia, quando diz que nem todo gene está predeterminado, mas que em parte depende do meio ambiente ou da epigenética. Os descobrimentos que pressupomos que podem acontecer têm a ver com a plasticidade que, por sua vez, tem a ver com a experiência e que é fundamental, principalmente na primeira infância. É sobre isso que eu trabalho



* Psicanalista, Formado em Psicologia, Psicomotricidade e Professor de Educação Física. Diretor – Professor da Escola de Formação em Clínica Psicomotriz e Problemas da Infância de Buenos Aires. Autor de numerosas publicações relacionadas com a temática da infância, em espanhol e em português.



no livro *La experiencia de ser niño. Plasticidad Simbólica* (Buenos Aires, Nueva Visión, 2010).

Este número da Revista Por Escrito é sobre brincar, recreação e movimento. Estamos acostumados a escutar que “brincar é importante” ou que “brincar é vital para uma criança”. Qual é a sua opinião a respeito disso?

Não é que brincar seja importante ou vital, é estruturante. Podemos inverter o argumento e dizer: não é que a criança constrói a brincadeira, mas que é o brincar que constitui a experiência de ser criança. Colocamos o brincar como sujeito e não como uma coisa passageira. Também não o qualificamos como algo bom ou ruim, não é que brincar seja prazeroso porque uma criança quando brinca, provavelmente, em algum momento vai brincar de monstros ou com a morte. Ou seja, a morte como algo que não tem representação e, no entanto, a criança a traz brincando e ao fazer isso, de alguma forma, exorciza seus medos.

O campo do brincar nos coloca diante do tema do pensamento, porque brincar implica pensar, já que a criança não brinca de ser ela mesma, brinca de ser outra. Talvez este seja o segredo oculto de toda brincadeira: que não brincamos de nós mesmos, brincamos de sermos outros, e é a partir do outro, que brincamos de ser nós mesmos. É brincando de ser outro, “fazendo de conta que...” que a criança forma sua identidade, por isso dizemos que brincar tem um valor estruturante porque é o momento no qual a criança pode imaginar o impossível. E não é só isso, também dá vida ao impossível e dar vida ao impossível significa dar vida à representação.

Quando uma criança brinca com um cavalo, não só faz uma representação do animal, mas que também lhe dá a vida. E aqui nos enfrentamos com uma questão complexa: dá na mesma que uma criança transforme uma vassoura em um cavalo, ou uma mesa em um foguete a que esteja em frente às telas tecendo, montando um cavalinho de diferentes cores e uma paisagem em volta? Coloco essa questão como uma pergunta, porque de alguma forma a criança poderá brincar com aquilo que a tela permite e encontrará uma limitação nisso. Porém, quando uma criança monta seu brinquedo, não somente não está predeterminado –ou seja, ela não sabe do que vai brincar quando brinca e o outro também não sabe, dando lugar ao imprevisível– senão que também coloca o corpo em cena. Cuidado: quando uma criança passa horas e horas frente às telas também põe o corpo, mas de outra forma. Com isto não quero dizer que “não devem estar em frente às telas” ou “não devem ter videogame”, estou dizendo que precisamos pensar as realidades diferentes que se colocam no mundo atualmente em relação às imagens e em relação ao que a criança pode construir nesse encontro. A criança sente prazer com a imagem? Que experiência cria? Isto não é bom nem ruim, mas faz com que a experiência de uma criança seja diferente porque assiste mais, sabe mais e constrói uma experiência infantil diferente.

Queríamos falar com você exatamente desse assunto. Quais as mudanças que apresenta o brincar no momento atual? De acordo com o que você observa na clínica e nas escolas, as crianças brincam diferente, brincam mais, brincam menos?



“Não é que brincar seja importante ou vital, é estruturante. Podemos inverter o argumento e dizer: não é que a criança constrói a brincadeira, senão que é o brincar que constitui a experiência de ser criança. Colocamos o brincar como sujeito e não como uma coisa passageira”.

O que posso ver concretamente é que cada vez brincam menos, principalmente em casa e penso que é pela urgência que este mundo global, informatizado e tecnológico implica.

Se brincam menos, então, o que elas fazem?

Passam mais tempo em frente às telas e conseqüentemente, falam menos, conversam menos, leem menos e têm menos histórias e narrativas. Portanto, brincando menos, as crianças se vinculam de outra forma com as outras coisas, com as telas, com as imagens.

Não somente brincam menos em casa, mas na escola também. Cada vez há mais conteúdo e mais adequação curricular, os pais pedem isso. Em outra época, na sala de pré-escolar, as crianças brincavam, agora não. Hoje o pré-escolar é praticamente o que antes era o primeiro ano. Algumas coisas chamam a atenção: oficinas em salinhas de dois anos, computação, escolas que já não são bilíngües, mas trilingües. É incrível o que se pretende que uma criança faça desde muito pequena, e assim brincam cada vez menos. Durante um Congresso de Primeira Infância



“Quanto mais didática seja a brincadeira, menos lúdica, considerando o sentido verbal do brincar e a riqueza da experiência.

A diferença entre uma experiência e um acontecimento é que uma experiência é marcante, deixa coisas, forma plasticidade neuronal e simbólica”.

no Peru, me contaram que para entrar em uma das melhores escolas primárias de Lima, é necessário fazer uma prova de ingresso. Antes era feita na pré-escola e agora é aos quatro anos. As crianças da sala de três anos têm que fazer uma prova. Do que se trata a prova? Tem que saber fazer o corpo humano, identificar cores. Podemos pensar, “ah bom, como uma brincadeira”, mas não, as crianças são preparadas para isso, praticam durante o verão.

Nas escolas, se brinca menos ou se didatiza a brincadeira pedindo que gerem aprendizagens?

Quanto mais didática seja a brincadeira, menos lúdica, considerando o sentido verbal do brincar e a riqueza da experiência. A diferença entre uma experiência e um acontecimento é que uma experiência é marcante, deixa coisas, forma plasticidade neuronal e simbólica e é isto o que faz com que uma criança vá compondo sua imaginação, seu pensamento.

Então, menos brincadeiras em casa, na escola, nos treinamentos, nas terapias. Cada vez há mais terapias cognitivas que apontam à conduta e a resolver com eficácia “esta” situação, quanto antes melhor. Isto surge da exigência dos pais e da escola, com diagnósticos que marcam déficits, que pedem mais exercícios, técnicas didáticas, currículos adaptados. E assim se inventam brincadeiras de acordo com algum funcionamento cognitivo, motriz, verbal, mas nesses casos não é um brincar como possibilidade de que a criança crie uma representação e uma experiência porque para isso precisa que um “outro” entre em cena. Uma criança pode dizer: “brincamos de morto-vivo? Mas você também tem que fazer de conta que morreu como eu”. Pergunto: um analista, um terapeuta, um educador, se joga no chão e se finge de morto para que a criança possa brincar? Além disso, se brincasse assim, teria um requisito didático ou pedagógico? E por outro lado, como se faz? Temos que ficar meia hora jogados ao chão? Aí estamos frente a um “não saber” que também é muito difícil de localizar no âmbito educativo porque cada vez sabemos mais, há mais informação. Porém, brincar implica que um professor, um pai, um terapeuta possam colocar seu “não saber” para construir um saber com a criança, porque o que ocorre quando a criança brinca é que sucedem coisas pela primeira vez. Vamos ver se posso dizer o trava-línguas de Derrida: ‘essa primeira vez que é a última vez que é a primeira’. Isso vai ficando como antecedente e a criança continua em frente.

Queríamos retomar algo que você apontou antes, que diferenças você observa com os brinquedos montados a partir de imagens (videogames etc.)?

Com as imagens acontece algo diferente, quando uma criança olha uma imagem, a imagem sempre está ali. Mais ainda, pode acabar um jogo e começar de novo então é como se sempre estivesse como na primeira vez, uma primeira vez, uma primeira vez e o mesmo jogo e a mesma imagem. Algumas crianças ficam olhando a mesma imagem durante horas, ou seja, criam uma experiência com essa imagem, mas essa experiência não deixa marcas, não se enriquece, é sempre a mesma. Finalmente é quase uma questão de conexão: conectam.



Quando uma criança brinca com outra, acontece um monte de coisas que não se reduzem a essa cena que podemos ver. Nessa cena que vemos há outra cena em jogo, mas hoje, parece que em algumas experiências que a criança cria, não existe nada além do que podemos ver. Isso faz com que a experiência fique banalizada e que o tempo precioso da infância – que é poroso, plástico – comece a ficar quieto, a não ter volume. As crianças brincam, mas não passam muito tempo nessa brincadeira. Não é que quando brincam, passem a outro lugar, é como esta primeira vez que continua sendo a primeira vez e nada além disso. Entretém como uma imagem. Fico preocupado quando uma criança desenvolve uma experiência que aparentemente é lúdica, mas não cria nenhuma diferença.

Atualmente é habitual oferecer para uma criança alguma coisa para que possa criar ou construir e que ela responda: “Como faço? O que eu posso pôr? Não sei como fazer. Cansei”. Crianças entediadas, apáticas ou com estresse? Ou ao contrário: com ansiedade e que não param de comer? Questões que antes víamos no mundo adulto e no mundo adolescente e hoje cada vez mais podemos ver na infância. Ou crianças que não se questionam. Se uma criança não se faz perguntas, de que infância estamos falando? No entanto, para que uma criança se questione ela tem que poder se localizar em um lugar de não saber, enquanto temos uma modernidade que nos diz “tudo o que a criança tem que saber e fazer”. Esse é o paradoxo.

Como podem ser geradas condições ou espaços para que as crianças brinquem, para que transitem por essa experiência que você menciona como estruturante?

Os espaços estão cada vez mais restritos. Há menos lugares para brincar em casa e no bairro. Pergunto: se em casa há cada vez menos espaço para brincar, se no bairro não encontram lugar, aonde a criança pode desenvolver uma experiência infantil? Há um único lugar: a escola. Portanto, temos uma escola que começa a ter outra função, além do ensino porque há experiências que se a criança não vivencia na escola, não as vivenciará nunca. Então, a escola começa a ter uma função mais estruturante para a qual possivelmente os professores não estejam preparados, pois já não se trata de ensinar no sentido clássico pedagógico. Além disso, se uma criança apresenta uma dificuldade porque ocorre algo em casa, aonde ela vai falar (do jeito que puder, através de um sintoma, do corpo ou de algo que trava, como a língua, a fala, o corpo)? Vai falar na escola que é um lugar central para que a criança seja, de fato, criança.

Por outro lado, a escola é um lugar central para que ocorra algo vital no campo da infância, que está relacionado ao lugar do outro, mas já não do “outro maior” (a mãe, o pai), senão o amigo. Uma criança faz amigos brincando. Ai temos o valor da brincadeira em relação ao laço social (porque uma criança não faz amigos como um adulto, falando “vamos tomar um café”). Essa experiência entre uma criança e outra é fundamental. O que estou trabalhando nesse momento é a função do amigo. Para a criança (desde bem pequena) é indispensável o amigo porque lhe permite colocar o além do amor parental-familiar, ou seja, por a energia libidinal, amorosa, para fora do núcleo primário. Para isto é necessário que exista uma experiência com um “outro”. E, onde é possível gerar uma experiência com

outra criança agora, sem que esteja mediada necessariamente pelo campo de um adulto? Na escola. Em outro momento talvez fosse na calçada ou no parquinho do bairro. Aqui o brincar se constitui num fator central de identificação com o outro, quase como um espelho no qual a criança se reconhece, mas não é um espelho especular que devolve a mesma imagem, é um espelho que produz uma diferença. As crianças, entre amigos, falam: “Fazemos isto juntos?” Ou “Faço isso se você vier comigo” ou “não tinha pensado nisso”. E quando a ideia é do outro, recria-se a própria construção. Isto se faz na experiência da amizade que não é somente uma experiência imaginária, mas que também é uma experiência simbólica e em um ponto central, afetiva. O brincar na infância permite construir o laço social. Estou pensando no laço social como um ponto estruturante, aquele que permite a exogamia.

Voltando ao tema das imagens, se as crianças brincam juntas através da tela, é a tela a que as une e por isso são amigos através da imagem? Ou, são amigos pelo que acontece entre elas? Porque se for a tela o que as nucleia, quando ela não estiver, não haverá nada. Se, pelo contrário, houver uma relação e a partir daí chegarem à tela é diferente: haverá uma experiência. E se houver uma imagem produzida pelo outro que afeta, que provoca uma experiência, que dá uma alternância, já é outra coisa.

E a função adulta pode intervir de alguma forma para fazer algo com isto que você está trazendo?

Como comentava antes, o mundo adulto brinca cada vez menos, então, não se mantém vivo o infantil na própria infância, mas que cada vez está mais moribundo. Nossa proposta é totalmente oposta: somente é possível trabalhar



“O corpo não para de se mexer, esse é o ponto. O assunto é em qual espaço este corpo se mexe, se é em um espaço que produz um gesto diferente ou é um espaço no qual a ação sensorial e motora fica na própria ação sensorial e motora”.

com a infância mantendo viva a criança que há em cada um de nós. Manter viva essa essência infantil pela qual quando brincamos de aventuras, nos aventuramos na aventura. Quando conto um conto não o faço porque é didático, ou porque assim a criança aprenderá as cores, mas sim porque o conto me conta e o que transmito é a paixão pelo conto. Mas, se o conto não me conta porque já o analisei, pus objetivos, grifei, mas não chega, não produz nada em mim, eu transmito o livro e a criança aprende o argumento, mas não fica com nada dele porque não gerou nenhuma experiência. Esse é o sintoma mais comum e mais tremendo da escola hoje em dia: as crianças aprendem, sabem as letras, são inteligentes, passam de ano e não gostam de ler. Mais ainda, não entendem porquê escrever, não encontram sentido nisso. A pergunta é: temos transmitido a paixão pela leitura?

Com relação às crianças e o movimento, podemos observar um paradoxo. Por um lado, parece que a tecnologia incita somente um olhar paralisado – embora existam tecnologias que convidem a mexer o corpo - e aí aparece uma espécie de temor pela falta de movimentação das crianças. Por outro lado, temos os diagnósticos de TDAH, hiperatividade. Como compreendemos isto?

O corpo não para de se mexer, esse é o ponto. O assunto é em qual espaço este corpo se mexe, se é em um espaço que produz um gesto diferente ou é um espaço no qual a ação sensorial e motora fica na própria ação sensorial e motora. Ou seja, fica no corpo e o receptivo e não sai. Quando falamos de experiência nos referimos a uma experiência em relação ao contexto que transforma. Quando uma criança está angustiada, de que forma ela fala para os pais que está triste? Encarnando essa tristeza. Uma das formas de demonstrar a angústia é através do movimento. Quando uma criança se movimenta muito e não pode parar, está triste. Por que não pode parar? O que é esse descontrole? O sentir se transforma em sintoma. Mas, se tomamos isso como um TDAH como diz O DSM-IV ou o DSM V, é classificado como déficit e a criança é medicada, longe de falar da própria história, do que lhe aconteceu, dessa herança, o acalmamos e limitamos até eliminar aquilo que nos interessa para entender sua angústia.

Uma das coisas que mais me preocupa é essa experiência fixa: em um momento que tem que ser plástico, a criança está detida. Detida em nível de movimento, mas também em nível dos laços sociais. É ali que os tratamentos teriam algum sentido possível, que sem dúvida, implicam no universo dos pais.

Para finalizar, você gostaria de contar o argumento central de seu próximo livro ‘Pinóquio: Marionetes ou crianças de verdade? As desventuras do desejo’?

Pinóquio é uma tentativa de pensar a infância através de um relato que faz parte do mundo infantil. Pinóquio é um menino arteiro e tem uma particularidade: é a única criança que se perguntava o que tinha que fazer para ser criança, porque quando a criança é criança não se pergunta o que tem que fazer para ser criança. A infância é a única etapa da vida na qual não nos perguntamos como temos que ser para ser. Entendo que nisso está o valor do relato e desde esse lugar tento pensar a infância. ✦





